



NOS MECANISMOS DA CIDADE: APORIAS POLÍTICAS DA INTERVENÇÃO URBANA.

Samira Margotto e Priscila Rossinetti Rufinoni

Secretaria de Cultura de Vitória/ UnB

Em 2009, Vitória foi tomada por ritmos que tentavam repensar a experiência urbana em suas nuances. O título do evento, *8ª Bienal do mar*, apenas deixava entrever o que Agnaldo Farias, da comissão de curadoria, entendeu como uma forma que “ousa enfrentar a cidade dentro dela, na região central da ilha de Vitória, num trecho do nervo exposto definido pela Avenida Beira-Mar, correndo o risco de se dissolver no fluxo do cotidiano intenso tão comum às metrópoles [...]”. As propostas apontavam em múltiplas direções: enquanto um grupo de artistas deslocava pelo Centro uma réplica da escultura pública do índio Araribóia, refazendo topologias da memória coletiva, outro artista intervinha com equipamentos sonoros nas velhas catraias que cruzam a baía, retomando também fluxos imemoriais; se um dos projetos marcava a baía com um ácido comentário em forma de *plotter* flutuante, publicidade às avessas (ou nem tanto), outra proposta dispunha placas que, mimetizando a sinalização, buscavam reverter suas práticas.

A princípio, todo o discurso subversivo da máquina de guerra artística contra o instituído foi posto em funcionamento. Mas as aporias mais profundas nem sempre se deixam capturar por essa rede já algo convencional de significações. Não se trata aqui, evidentemente, de pôr em questão a intenção do artista, ou da crítica, já que poríamos em suspenso nossa própria perspectiva, como parte integrante tanto do



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

evento quanto do sistema em geral. Ao contrário, como parte comprometida é que propomos levar a autocrítica o mais longe possível.

Evento proposto pela Prefeitura de Vitória, o "salão no campo ampliado", como o chamou a Secretaria de Cultura, precisou pôr em funcionamento também toda a estrutura da cidade, cuja mecânica sistêmica, mesmo que ao avesso, continuou funcionando e fazendo funcionar como suas engrenagens as propostas artísticas. Um imenso aparato institucional, com todas as suas relações de força, envolvendo o porto, a companhia de trânsito, a prefeitura, precisou ser acionado e, em seu acionamento, por mais que a vontade fosse de reversão, a reversão apenas seguiu à risca o mecanismo que ironizava. Ou seja, como salientou Vladimir Safatle, não estaríamos diante de um "poder que aprendeu a rir de si mesmo", cujo riso apenas faz "revelar o segredo de seu funcionamento" para que ele possa "continuar a funcionar como tal"?

Intervenção urbana, esfera pública, urbanidade